

**BATATUBA E VILA CIMA (SP).
REPRESENTAÇÕES EM TORNO DE UM
PROJETO**

Geórgia Capistrano Costa

capistranodacosta@gmail.com

**ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Batatuba e Vila CIMA (SP). Representações em torno de um projeto.

Resumo

Com o conjunto de dados apresentado a seguir pretende-se pontuar a narrativa historiográfica de fatos ocorridos no Brasil dos anos 40 aos 60, cujos primórdios remetem aos anos 20 e 30, na Tchecoslováquia. Tais fatos referem-se a um projeto iniciado sob os auspícios de uma peculiar organização capitalista em que a distância usual entre patrão e empregado seria transposta por benefícios a este último, em troca da lealdade e esforço em prol de uma filosofia de trabalho coletivista. Tal projeto proliferou-se pelo mundo na forma de cidades industriais, sendo chamado por seu autor de “colonização industrial”. No Brasil, os desdobramentos desta empreitada adquirem paulatinamente outra tonalidade - aqui exemplificados pelos casos de Batatuba e Vila CIMA (SP), num sentido mais próximo do comumente entendido como colonização *stricto sensu*: ato de estabelecer colônias em áreas consideradas vazias ou desocupadas, visando a integrá-las a um sistema econômico, político e social. O que neste caso, ressaltamos, não necessariamente anularia ou divergiria daquilo que o autor do projeto colonizador - nos sentidos “industrial” e “rural”- esperava como realização de seus ideais. Tais idéias foram, no tempo, consistentemente registradas pelo seu autor, o empresário tcheco Jan Antonin Bata: fotografias, poemas, filmes, livros (a maioria não publicados), planos urbanos ideais etc. e, malgrado seus detratores de ocasião, chegou até nós como riqueza ainda a ser explorada, seja como material a ser apropriado pelo estudo da Arquitetura e do Urbanismo, seja como componente intrínseco da memória das cidades por ele criadas.

Palavras- chave: Cidade agroindustrial, Cidade ideal, Colonização, Arquivos.

Batutuba e Vila CIMA (SP). Representações em torno de um projeto.

Diante da escassez de material científico sobre Jan Bata e suas empresas no Brasil, este trabalho baseou-se primordialmente em documentos primários dispersos nas diversas localidades (estados de SP e o atual MS) em que o empresário atuou até os anos 1960. Quando nos referimos a uma “idéia Bata” isso não significa um apoio sem critério na biografia do autor - o que acarretaria um risco de cega identificação com ela. Em contraste com o extenso material acadêmico produzido no exterior a respeito de sua produção geral ou arquitetônica, o material brasileiro constitui-se de grande quantidade de cartas, artigos, poemas e fotos que expressam o olhar pessoal do autor sobre seus empreendimentos. Comentar estes empreendimentos será comentar estas idéias e ideais, sem perder de vista a correlação destas com o tema da Arquitetura e Urbanismo.

Explicação necessária

Em 15 de novembro de 2007, após da ratificação das cortes municipais de Praga e Zlín, a Justiça Superior tcheca tomou uma decisão aguardada havia 60 anos. Em processo extensamente documentado, absolveu o empresário calçadista Jan Antonin Bata da acusação de “não haver-se declarado publicamente contra Hitler e dado publicamente seu apoio à causa aliada”, pela qual foi condenado em 1947 *in absentia* pelo tribunal nacional comunista tcheco (SILVA; ARAMBASIC, 2003, p.37; IVANOV, 2009, p.434)¹. Jan Bata se instalara no Brasil a convite de Getúlio Vargas e jamais retornou ao país de origem e ao comando das indústrias Bata na República Tcheca, nacionalizadas durante o regime comunista, e aqui permaneceu dos anos 1940 até seu falecimento, em 1965.



Fig.01 Jan Antonin Bata (esq.) com máquina fotográfica (ou filmadora) no colo. [194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).

¹ A família do empresário nunca deixou de procurar os meios para esclarecer o que se considerou uma injustiça. Para tanto, ver: IVANOV, 2009. Ver também (no idioma tcheco) publicação do governo municipal de Zlín (intitulada Conferência Internacional - Jan Antonin Bat'a – a vida e obra de um seguidor do trabalho de Tomas Bata, em Zlín, maio de 2007), a respeito do referido processo que permitiu reabilitar o nome e a figura do empresário tcheco: J. A. BAT'A KONFERENCE, 2007, Zlín. **Jan Antonin Bat'a - život a dílo, pokračovatel práce Tomáše Bati: mezinárodní konference.** Zlín : Statutární město Zlín, 2007. 127 f.; ver também, na internet: <http://www.radio.cz/en/article/97652>.

Antecedentes

Uma potência industrial na Tchecoslováquia

Fundada por Tomas Bata e dirigida a partir de 1932 por Jan Antonin Bata, a companhia calçadista tcheca Bata registrou expressivo crescimento durante os anos 1930. Episódios comerciais de sucesso, como os baratos calçados de lona criados em 1897 ou a enorme encomenda de botas para o exército austro-húngaro na 1ª Guerra Mundial (IVANOV, 2009, p.33 ; SILVA, 2003, p.21) e depois, o comando do jovem Jan Bata, tornaram a Cia. uma das maiores empresas mundiais na produção de calçados e artigos afins. O que se constitui num outro episódio de sucesso²: no período do entreguerras, barreiras protecionistas alfandegárias vigoraram intensamente na Europa, contribuindo para que a Cia. desse vazão ao seu crescimento e ultrapassasse seus limites geográficos ao implantar fábricas no exterior.



Fig.02. Produção diária de pares de sapato pela empresa Bata, de 1894 a 1938 (de 8.000 a 180.600 pares). Fonte: IVANOV, 2009. p.523.

Foram planejadas cidades industriais para disseminar a filosofia de trabalho dos irmãos Bata: um pragmatismo econômico na organização científica do trabalho em moldes tayloristas, mas com uma visão social que defendia a promoção de condições materiais de vida e trabalho consideradas dignas para os operários. A companhia fundou suas cidades industriais pelo mundo durante os anos 1930 - as quais mantinham forte relação conceitual e formal entre si e todas com a cidade-modelo de Zlín (atual República Tcheca), sede da empresa Bata³; a linguagem arquitetônica de Zlín foi desenvolvida por arquitetos em grande parte envolvidos com a vanguarda arquitetônica europeia do entreguerras⁴.

² Bata era chamado de “Rei dos Calçados”. Sobre isso: IVANOV, 2009; ou: <http://www.radio.cz/en/article/92786>.

³ Ver mais detalhes em NOVÁK, P. *Zlínská Architektura: 1900- 1950*. Zlín: Agentura Cas, 1993.

⁴ Dentre eles Vladimír Kalfík, que trabalhara com Le Corbusier e com Frank Lloyd Wright.

Uma “experiência econômica e social excepcional”

Um caso emblemático do sistema Bata de organização capitalista é aquele contado por Alain Gatti em “Bata, une expérience économique et sociale exceptionnelle”, sobre a fábrica Bata em Hellocourt na França, referida pelo autor como uma “experiência social e humana particularmente rica” (GATTI, 2003, p.126). A Cia. se implantou naquele país em 1931 - quando adquiriu uma área no distrito de Maizières-lès-Vic, cujo complexo industrial viria a se chamar “Bata Hellocourt” (ou Bataville).

O autor observou que o lema da Cia. Bata, expresso no conceito “viver, pensar e trabalhar Bata” traduzia-se num modo de vida comunitário no trabalho e “socialmente pacífico” na cidade (2003, p.132). Aos trabalhadores que demonstrassem sua lealdade com a empresa, dando tudo de si, era oferecida uma série de benefícios como participação nos lucros, 14º salário, gratificações e baixos aluguéis. O recrutamento de jovens do meio rural, desde cedo absorvidos no “espírito Bata” das escolas de trabalho e da vida na cidade industrial (como em Zlín), tornavam desnecessárias as atividades sindicais - “forças centrípetas” no dizer de Gatti. Os esportes e o lazer seriam o complemento para o amálgama desta “comunidade do trabalho”, onde cada indivíduo seria um membro da família Bata, um *batamen*.

Um conjunto de valores permeava as idéias Bata: lealdade, capacidade individual, competitividade, importância da juventude, o coletivismo dos *sokol*⁵, a individualidade familiar, o trabalho. Mesmo a arte era vista sob a ótica da utilidade na formação do homem trabalhador, intenção que Jan Bata deixou clara na fundação, pela Cia., da escola de artes de Zlín, em 1939:

[...] *E, em um ponto gostaríamos de nos sobressair sobre as outras escolas de arte. Não só as escolas tchecoslovacas, mas as européias e até as mundiais. Queremos que se sobressaiam, educando seus alunos, não só com a concepção de beleza em si, como um alimento espiritual, mas, pelo contrário, [queremos] instilar em suas mentes e corações, que [os alunos] estudam aqui não para se tornarem economicamente inúteis, [mas] para saberem utilizar a sua arte no trabalho, para alimentar outras pessoas [...]* (IVANOV, 2009, p.229).

Na arquitetura, como na arte, o processo de criação artística terá uma utilidade: concretizar de modo funcional e racional o modo de “viver e trabalhar Bata”.

⁵ Grandes reuniões esportivas públicas ao ar livre, que tiveram início em Praga no final do século XIX, atuando no fortalecimento da mente e do espírito coletivos e tornando mais coesos os laços sociais em época de turbulência política.

“Colonização industrial” através de cidades planejadas



Fig.03-08. Algumas “cidades Bata”. Respectivamente: Batanagar (Índia), Batovany (Eslováquia), Best (Holanda), Zruc Nad Sazavou (Rep. Tcheca), Mohlin (Suíça), Borovo (Croácia). Fonte: NOVAK, 1993 (imagens p&b). Aplicativo *Google Earth* 2009 (imagens coloridas).

Nas cidades planejadas pela Cia., os transportes eram de fundamental importância para as trocas comerciais buscadas pela empresa nos novos países. Era característico o desenho da conexão destes meios com o parque industrial. A separação por funções previa as zonas fabris (conectadas às vias de comunicação) e a zona habitacional - com fileiras de blocos unifamiliares alternados, dispostas de cada lado de um eixo central com equipamentos institucionais, que levava ao núcleo fabril. As áreas de lazer (com parques esportivos ou grandes piscinas, tradição dos eventos esportivos de grande área do *sokol* tcheco) geralmente se concentravam à margem da malha. Havia ainda, na zona residencial, os internatos, moradia dos jovens em formação no “espírito Bata”.

Durante a 2ª Guerra foram desenvolvidas em Zlín as “unidades” Bata, pequenas fabriquetas para montagem em países livres da guerra como o Chile, Peru e Guatemala. Sua produção destinava-se a substituir a fábrica de Zlín no abastecimento das lojas Bata pelo mundo - a direção da empresa via como iminente a invasão da cidade em 1939 (IVANOV, 2009, p.273-275).

O conflito reorienta as ações de Bata, uma vez que ele se vê atingido quando da invasão alemã (que coloca em risco suas empresas, seus funcionários e sua família); por outro lado, ele adquire, no Brasil, a empresa de colonização Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso. Embora ele já voltasse os olhos para o país desde 1925 - quando buscou o fornecimento de couro para Zlín - e no final da década de 1930 - quando planejava instalar aqui uma cidade industrial - o conflito estimulou sua mentalidade empresarial, levando-o para além das atividades industriais de calçados, couros, artefatos de borracha, pneus, aviões, maquinário etc. A partir de 1940 seus empreendimentos voltar-se-iam para o interior do Brasil.

Batatuba e Vila CIMA, Brasil

A “terra dos bons calçados”

Em julho de 1942 o jornal “Novidades de Batatuba” parabenizava “o mais antigo batador” (Jan Bata preferia denominar os funcionários por “colaboradores” ou “batadores”) da fábrica de calçados de Batatuba (distrito do município de Piracaia), que fora admitido pela empresa um ano antes. Por sua “disciplina e espírito de trabalho”, o batador havia sido transferido da “seção de meias” para a “seção de contabilidade”, fato utilizado pelo periódico como exemplo para os demais funcionários: “Tudo depende de sua vontade. E aí fica um exemplo para os demais batadores” (Novidades..., 1942). Expedientes como este eram freqüentemente utilizados pelo jornal para estimular os funcionários da Companhia SAPACO⁶ a produzirem mais e melhor.

Em maio de 1940, um grupo de funcionários de Zlín chegara ao Brasil para planejar a implantação da futura fábrica de Batatuba. O dia-a-dia fabril relatado pelo jornal “Novidades de Batatuba” mostra que os “batadores” absorveram o “espírito Bata” de competitividade e desenvolvimento das capacidades individuais. Os batadores participavam ativamente da produção do periódico. No artigo escrito por Orlando F. Carvalho, na edição de 04 de julho de 1942, pais são conclamados a enviarem seus jovens filhos a Batatuba: “[...] para terminar, desejava dizer-lhe uma coisa muito importante: veja em casa, se seu filho quer agir na vida, de sorte a impulsionar toda a sua atividade pelo seu bem estar e progresso, podendo chegar a ser – um líder da indústria. Pense bem e mande-o a Batatuba para ver”.

Para receber estes jovens um edifício para solteiros foi erigido em meio à zona residencial de Batatuba. O núcleo residencial era composto prioritariamente por casas isoladas unifamiliares, de disposição semelhante à das cidades Bata no exterior. Outras edições do jornal relatam o início das primeiras escolas normal e industrial do lugar, a programação do cinema e os resultados dos torneios futebolísticos do time de batadores. Outros textos (de autorias diversas e de Jan Bata) aludem ao 1º de maio, ao “decenário da morte de Tomas Bata” e, de modo geral, exprimem o alcance das “idéias Bata” referidas anteriormente.

⁶ Momentaneamente impedido de usar o nome da empresa, Jan Bata adota SAPACO para a fábrica de Batatuba. Suas empresas no Brasil, depois de ter sido aliado do controle da Cia. Bata Zlín S.A. e da *holding* Leader A.G. (que controlava as “cidades em série” pelo mundo), foram a SAPACO, de calçados e meias; a Companhia de Viação São Paulo – Mato Grosso e suas concessionárias (Companhia de Navegação Alto Paraná e Companhia Industrial Mercantil e Agrícola “CIMA”); e a Companhia Comercial Alto Paraná.

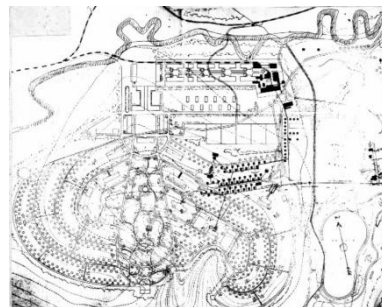


Fig.09-14. Batatuba. Plano urbano, vistas do edifício fabril (externa e interna) e das habitações (edifício de solteiros no canto esquerdo). Fonte: Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã (2008).

O seguinte trecho de artigo do dia 27 de setembro de 1942 é bastante ilustrativo quanto às possíveis transformações ocorridas nos empreendimentos brasileiros da Cia. Bata (seja através da fábrica de calçados, seja através da empresa de colonização) em relação às suas cidades industriais no exterior:

Batatuba que até bem pouco tempo era uma cidade exclusivamente industrial tem desenvolvido ultimamente sua agricultura [...] Embora os calçados as meias e a oficina mecânica [a fábrica desenvolvia suas próprias máquinas] continuem a ser os principais pilares da produção fabril de Batatuba surgiu, agora a exploração com sucesso da agricultura, que dentro em breve prometerá salientar-se e aquilatar-se às demais. Esta terra fértil estará em breve produzindo arroz, milho, verdura, batatas, etc... suprindo assim toda a população de Batatuba [...] antecipadamente poderemos acrescentar que o campo para o plantio de arroz acha-se quasi em época de receber a semente [...] Por este motivo cremos que no próximo ano Batatuba irá consumir o que produziu. É este mais um motivo de orgulho para os Batatubenses! (Novidades..., 1942).

Um olhar mais atento na orientação do crescimento do núcleo de Batatuba (desenvolvendo plantações no seu entorno) e no plano urbano apresentado (embora não tenho sido implantado na

totalidade) permite-nos imaginar o que seria a concretização do desejo de Bata por uma cidade economicamente auto-sustentável e de dimensões limitadas.

Um desejo que ele expressara quando estava nos EUA, em carta ao seu diretor em Zlín, Joseph Hlavnicka, em 29 de julho de 1939,

Fiquei muito preocupado quando você escreveu, no final da sua carta, que por causa da grande produção estão faltando trabalhadores. Temo que por causa disso crescerão tanto a cidade de Zlín como a firma Bata, até virarem monstros com todas as dificuldades que já conhecemos. É preciso ter cuidado com o aumento da produtividade – como você mesmo pode ver. A cidade [de] Zlín não deveria ter mais do que 24 mil habitantes e eu não gostaria, se vocês aumentassem esse número (TRIBUNAL, 2006).



Fig.15-18. Batatuba. Habitações, vista externa do edifício fabril e do antigo armazém, vista aérea. Fonte: O autor (2009). Aplicativo *Google Earth* 2009.

Quanto à preservação deste conjunto e de sua história, ressalte-se que no Plano Diretor do município de Piracaia (do qual Batatuba faz parte como distrito) os remanescentes do núcleo industrial⁷ figuram em “Zona de Preservação Histórico-Cultural” (ZPHC), numa área *non aedificandi* circular de seiscentos metros de diâmetro. O local também é considerado pelo mesmo documento como “Zona de Especial Interesse Social” (ZEIS), sendo nele previsto o uso habitacional (PIRACAIA, 2007).

⁷ Edifícios fabris, a antiga residência de Jan Bata e o núcleo residencial.

“Colonização agroindustrial” no oeste paulista e sul matogrossense

Enquanto Batatuba vicejava sob o olhar atento de Bata - era seu local de residência, os empreendimentos agroindustriais e de colonização da Companhia Viação São Paulo - Mato Grosso (CVSP-MT) começavam a adquirir forma no oeste paulista, naquele contexto denominado por Cassiano Ricardo de “Marcha para o Oeste”. Neste contexto se desenvolveu Indiana, sede das Cia. CIMA e da CVSP-MT a partir dos anos 1940 - esta se intitulava, em 1955, “a mais antiga empresa colonizadora da Alta Sorocabana”⁸ e realizava comércio de madeira, colonização, arrendamento e criação e venda de gado (para Bata, novas atividades em relação à sua experiência pregressa). Indiana participava daquele momento como conexão de estrada boiadeira com estrada de ferro, participante das frentes pioneiras e do crescimento econômico que atingiu a região da Alta Sorocabana com a produção agropecuária e industrial para abastecimento das exportações e da demanda interna - carne, açúcar, madeiras, arroz, algodão etc. (ABREU, 1972, *passim*).



Fig.19-20. Jan Antonin Bata [primeiro à esquerda] em trem da E. F. Sorocabana. “Cidade velha” Indiana. [194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).



Fig.21-22. Novas atividades – algodão e gado. Jan Bata (mais alto, no centro) em plantação de algodão da Cia. CIMA. Jan Bata por Jan Vitkousky (diretor-gerente da Cia. CIMA). [194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).

⁸ De acordo com ofício da empresa, de 08/11/1955.



Fig.23-24. Novas atividades – gado. Peões e cavalos. Boiada e estação férrea de Bartyra, um dos locais de embarque do gado das empresas de Bata. [194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).

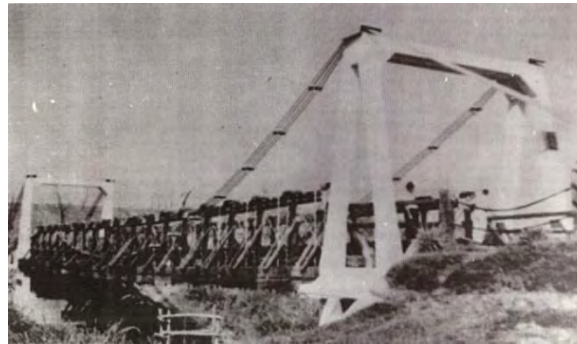


Fig.25-26. Novas atividades – as comunicações. Fragmento de mapa elaborado pela CVSP-MT com projeção de ligação norte-sul onde se lê “E. F. em projeto”, com conexão em Indiana [s.d.]. Ponte pênsil realizada pela Cia. CIMA para transposição do Rio do Peixe (núcleo colonial de Mariópolis) e transporte de madeira para a serraria da Cia. em Indiana - projeto do engenheiro suíço Gothard Kunzli. [195-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).



Fig.27-30. Novas atividades - madeira. Ponte em madeira e trator adaptado para o transporte até a estação da Sorocabana. A “madeirovia” na Cia. CIMA. Colaboradores de Jan Bata. Armazém da serraria da Cia. CIMA. [194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).



Fig.31-38. Novas atividades - madeira. Esquadrias produzidas pela Cia. CIMA. Indiana. Processo construtivo de uma casa de madeira. [194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).

Referimo-nos no início deste texto aos escritos que guardam a memória do que Jan Bata pensava e buscava empreender, uma “industrialização planejada” no moldes de uma organização científica do trabalho com um viés social. São apontamentos e registros sobre os mais diversos campos: da administração industrial, da educação, das artes e da habitação. Portanto, seria natural que as conseqüências da Guerra e de uma nova realidade por ele encontrada no Brasil, longe de se constituírem obstáculos às suas realizações, terminassem por serem incorporados ao seu discurso, que, agora, se voltaria para a “colonização planejada” – ou seja, na mesma linha da industrialização planejada: uma espécie de administração eficiente dos recursos da terra com um viés social.

Uma proposta de “colonização planejada”, como afirmava Bata, é colocada de modo esclarecedor no projeto irrealizado da CVSP-MT para núcleo de colonização Presidente Kennedy (1962), no sul do atual estado do Mato Grosso do Sul, e ilustra o acima exposto.

Monbeig (1984) comentou extensamente sobre as empresas colonizadoras no oeste paulista, sobre como o momento propício da valorização das terras pelo café, pela ferrovia e pelo aumento da demanda dos mercados internos e externos, fora aproveitado por alguns grupos econômicos (fazendeiros, empresas estrangeiras, grileiros, pequenos agricultores). A dimensão territorial e econômica alcançada por aqueles empreendimentos levou a uma racionalização e busca pela eficiência na condução dos negócios. Segundo Abreu (1972, p.74), nos primeiros 30 anos do século XX surgiram na região da Alta Sorocabana várias empresas de colonização: Companhia Marcondes; Ramos, Porto & Cia.; Companhia dos Fazendeiros de São Paulo; Companhia Antonio Mendes Campos Filho; Empresa José Giorgi (comandaria a construção da estrada de ferro da Sorocabana em Martinópolis); Colonização Martins (em 1924 teria adquirido 10.000 alqueires desmembrados da citada Fazenda Montalvão, onde hoje se situa Martinópolis); Cia. Brasileira de Colonização e Comércio e a Companhia Viação São Paulo – Mato Grosso. Com estas não deixaram de coexistir a pequena propriedade produtora.

Quanto à razão principal daquelas empresas - lotear e colonizar -, se a dinâmica da expansão do povoamento não prescindia, como afirmou Monbeig, do núcleo urbano que articulasse a vida no mundo rural, como condição para o sucesso do empreendimento,

Convém, portanto, que lhes sejam oferecidos não só pedaços de terra com superfícies idênticas [o loteamento, o retalhamento da terra], como também vantagens suficientes para os fazer decidir pela compra [...] Todos estão na dependência da situação, da preparação e da utilização da terra e as necessidades comerciais obrigam o loteador a conceber e aplicar um plano de colonização. Tudo isso está muito longe do individualismo do pioneiro na free land (MONBEIG, 1984, p.222).

O contrário do simples retalhamento de terras é o que sugere o mencionado plano de colonização para Presidente Kennedy. No anteprojeto, seu elaborador, Jan Bata, propõe uma “colonização planejada” como solução para um sistema de exploração de terras considerado por ele como ultrapassado e prejudicial à manutenção dos recursos naturais - o que prejudicava, inclusive, a fixação do homem à terra. No texto de apresentação, aborda uma questão ainda hoje premente:

[...] Aliás, um sistema de colonização planejada das terras novas não somente proporcionará uma utilização altamente produtiva dos recursos naturais aí existentes, como virá atender outro problema grave na nossa agricultura que é o da reforma agrária [...] Dêsse modo, ao promover a colonização planejada das terras novas é necessário também que se adote o princípio de estabelecer lotes pequenos, do tamanho adequado no trabalho de uma família, pois essa é a forma de promover a reforma agrária no país, sem o dispêndio de volumosos recursos (CVSP-MT, 1962, p.4).

É interessante notar a referência ao tamanho máximo das glebas e sua utilização como pequena propriedade produtora familiar. Diferentemente da grande propriedade cafeeira, a pequena propriedade produtora do oeste paulista (formada pelos loteamentos ou não), favoreceria a formação dos núcleos urbanos através da procura, na cidade, pelas máquinas de beneficiamento que o pequeno agricultor não poderia adquirir com recursos próprios. Um mercado dinamizador de economia e empregos seria gerado: comercialização da produção, serviços diversos, produtos alimentícios e vestuário, programas de lazer e outras facilidades – conseqüentemente, mais pessoas se fixariam na cidade (ABREU, 1972, p.142). Com uma relação mais direta entre o produtor, sua família e a cidade, maior seria o protagonismo dos núcleos urbanos – ou “centros agroindustriais”, como preconizados por Bata no projeto acima citado.

O projeto de colonização Presidente Kennedy encontra correspondência na obra “Study of Migration”, escrita por Bata em 1951. De modo geral, o texto, fortemente impactado pela recém-fimada 2ª Guerra Mundial, faz críticas sobre os gastos com as guerras e propõe que a massa de pessoas “desempregadas e dispersas” encontre abrigo e trabalho em assentamentos especialmente planejados para tal. Considerada por alguns como prova de sua colaboração com o regime hitlerista, a noção de *lebensraum* de Bata (1951, p.9) não teria a mesma conotação dada pelo Nazismo (o qual pressupunha uma hegemonia racial). O empresário apoiava-se numa idéia de relocação daqueles europeus “sem casa e sem trabalho” (tchecos banidos pelo comunismo

dentre eles), para regiões desabitadas em outros países, desejo manifestado em seu cartão de Natal de dezembro de 1962:

[...] *Tomo a liberdade de enviar-lhe um lembrete: Paradoxo do mundo: homem sem terra [] Paradoxo do Brasil: Terra sem homem [] Resultado: Crises no mundo [e] Crises no Brasil [] Solução: a colonização pré-fabricada e financiada mundialmente na base de 2 milhões de imigrantes anualmente para o interior [] Fundos não aplicados no mundo: 700 bilhões de dólares [] Necessário para a migração financiada no Brasil: 3 bilhões de dólares em 7 anos [] Efeito: PAZ NO MUNDO/ ORDEM E PROGRESSO NO BRASIL .*

A falta de habitação e trabalho seria as principais causas das duas Guerras mundiais. O “Study of Migration” apresenta alguns tipos de colonização existentes no Brasil, propondo, como solução possível, uma forma de “colonização capitalista”:

[] *Com base neste tipo de colonização [] um novo plano, com a ajuda financeira capitalista, é sugerido, na base de 5.000.000 de pessoas do excedente populacional de 30 a 50 milhões carente de “espaço vital” o qual foi o motivo de ambas as guerras mundiais. Os custos de colonizar esses imigrantes europeus equivaleria a US \$ 1.000 por pessoa, tudo incluído, sob a forma de um empréstimo, a ser reembolsado no prazo de 15 anos [...]* (BATA, 1951, p. 10).

Vila CIMA.

O traçado do núcleo urbano do solo pioneiro paulista teve uma tendência de guiar-se pela linha férrea, o que pode ser notado em Indiana, como em tantas outras cidades da região. Nestas regiões pioneiras ainda pode ser observada a passagem de uma tradição urbanística fundada na ocupação em torno do patrimônio religioso para uma prática fundada na racionalidade do agrimensor e na linearidade ferroviária - o que não impedia a permanência do hábito de se erguer uma cruz na fundação dos novos patrimônios laicos. Referindo-se a tal fato, Ghirardello (1999, *passim*) irá analisar a atuação do agrimensor na disseminação de uma prática urbanística baseada fundamentalmente na racionalidade e na ortogonalidade, transposta diretamente do grande loteamento colonizador, resultando numa “especulação fundiária sem desenho urbano” (GHIRARDELLO, 1999). Recorreremos ao bastante citado Pierre Monbeig, que analisa de modo cabal este movimento diretamente relacionado com o aspecto econômico dos empreendimentos colonizadores praticados pelas grandes companhias,

O traçado dos lotes é o mesmo em toda a parte e, seguramente, é o mais fácil e o menos oneroso no trabalho do loteador. Basta continuar aplicando o sistema utilizado desde o começo da fragmentação da gleba, que consiste em assegurar, tanto ao fazendeiro como ao pequeno sitiante, o acesso, ao mesmo tempo, à água e ao espigão, pois os dois continuarão a servir como fronteiras naturais (MONBEIG, 1984, p.221).

Em nível urbano, tal processo ocorreria, via de regra, de maneira semelhante,

Provinham da uniformidade dos sítios a monotonia da paisagem urbana e a repetição constante do mesmo plano de cidades. Entre as da franja pioneira, as diferenças de forma são mínimas e o papel das condições topográficas locais só influi por certos pormenores. Nem colinas, nem escarpas, para orientar o avanço, num sentido ou noutro, ou para modificar a estrutura urbana. Não falta espaço para que o núcleo se expanda. A própria planura não deixa aos urbanistas outro recurso se não repetir, de fundação para fundação, o mesmo traçado. De resto, pensa-se muito pouco nisso, pois sobre as preocupações estéticas prima a de andar depressa e limitar as despesas. Repete-se infatigavelmente o plano geométrico, pois é o que melhor satisfaz as exigências do loteador, bem como as condições topográficas. Se o patrimônio se desenvolve, é fácil prolongar as ruas todas retas, em detrimento das terras de lavoura, que se recuarão sem ônus, em face da valorização dos terrenos (MONBEIG,1984, p.344).

Neste caso, interessante inversão ocorre quando, em terras da CVSP-MT, a Vila Cima é esquematizada (previa-se que o local se transformasse numa pequena cidade agroindustrial) e sua implantação se dá em função da linha férrea no sentido funcional, mas não no sentido formal. Isto é, a planta urbana, refletindo uma pequenina cidade⁹, é orientada pela suave topografia local, com um bosque como anteparo entre os trechos residencial e agroindustrial, conectados por um eixo central onde, provavelmente, situar-se-iam equipamentos institucionais e de lazer.

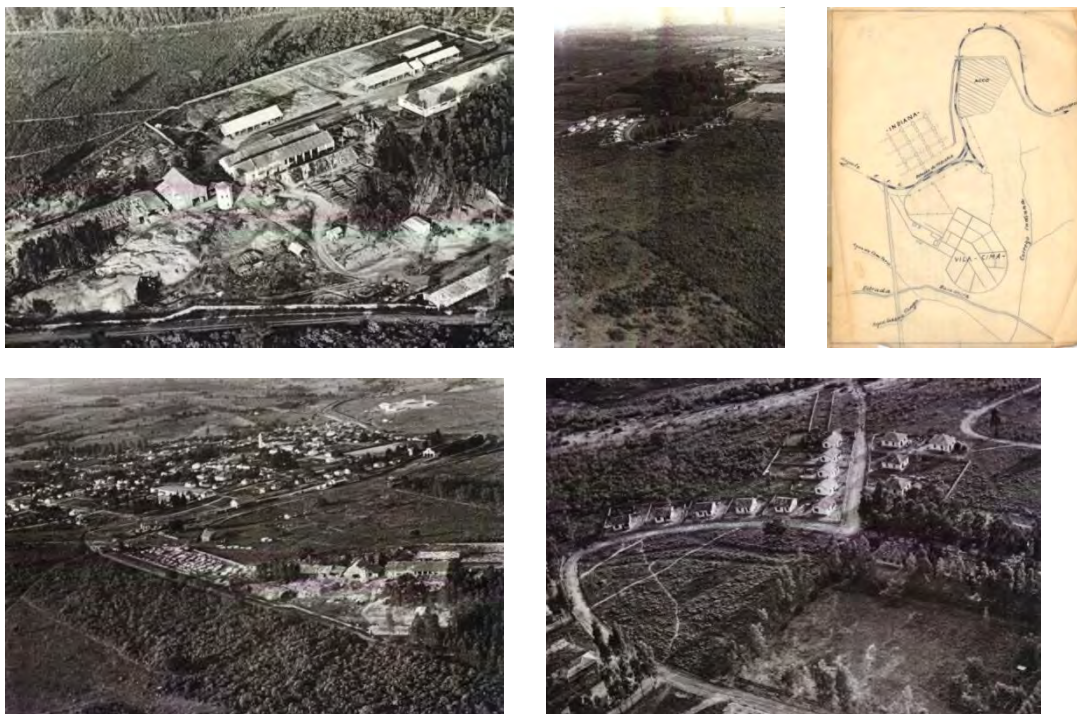


Fig.39-43. Vistas aéreas da Cia. CIMA. Esboço de implantação da Vila CIMA [autoria desconhecida] - comparar com o traçado ortogonal de Indiana, na mesma imagem. Indiana, [c.194-?]. Fonte: Família Bata Oliveira, Presidente Prudente (2010).

⁹ Não apresentada devido ao estado precário da cópia.

Neste caso, não haveria contradição se a comparação desse pequeno esboço da Vila CIMA se desse, não com as plantas reticuladas e homogêneas tão em voga nas novas fundações do oeste paulista, mas, sim, com as já apresentadas Batatuba ou até mesmo Batovany (Eslováquia).

Talvez as linhas mestras daquele esboço se devessem ao arcabouço teórico e prático acumulado por Jan Bata em seus empreendimentos industriais internacionais anteriores à sua vinda definitiva ao Brasil. Tal afirmação é possível diante da replicação consistente, nas diversas cidades-Bata pelo mundo, dos preceitos formais desenvolvidos em Zlín nos anos 1930 - o que, em tese, conduziria à sua reprodução no Brasil independentemente da intervenção de um arquiteto. Hipótese a ser confirmada em estudos mais aprofundados.

Apesar do fato de hoje restarem poucos edifícios do complexo agroindustrial da Cia. CIMA, fichas profissionais¹⁰ da Cia., datadas de inícios dos anos 1950, informam-na como local de residência de alguns trabalhadores, em sua maioria estrangeira (tcheco, iugoslavo, alemão, russo). Prevalece, como intenção, apresentar o interessante contraste entre as duas plantas urbanas, a de Indiana e a da Vila CIMA - a segunda realizada apenas parcialmente (vestígios ainda hoje visíveis), e observar que isto poderia representar um ponto de inflexão na dinâmica urbanística corrente na época.

Considerações sobre o presente

Quanto ao estado atual dos núcleos industriais - ou “agroindustriais” - apresentados, Batatuba apresenta maior quantidade de edificações originais compondo um todo discernível. Apesar disto, encontra-se em precário estado de preservação (algumas habitações alteradas) e conservação (como o edifício de solteiros e a residência de Bata). No caso da Vila CIMA, pouco resta do que foi construído, sendo, no entanto, discernível em linhas gerais as características definidoras de seu plano.

No que se refere às cidades planejadas, as realizações de Jan Bata no Brasil não se restringem a estes dois casos. As atividades de colonização e loteamento empreendidas pela Companhia de Viação São Paulo - Mato Grosso resultaram na fundação de Mariópolis (1943), em São Paulo, e Bataguassu (1942), Batayporã (1953) e o irrealizado projeto para Presidente Kennedy (1962), no atual Mato Grosso do Sul.

Os planos de Batatuba e da Vila CIMA não foram executados em sua integralidade, mas fragmentos dos espaços originais existem, assim como grande quantidade de material iconográfico e textual, aqui parcialmente apresentados. O que torna possível reconhecer com clareza as “idéias Bata” subjacentes a eles, principalmente quanto a um plano de “cidade ideal” – mediante análise das plantas e das edificações remanescentes; e quanto à dimensão social dos

¹⁰ Arquivos da Companhia Viação São Paulo- Mato Grosso, UNESP Presidente Prudente.

empreendimentos – como visto no texto de apresentação do projeto Presidente Kennedy de 1962, onde se afirma que “será mantido o sentido social da colonização” (CVSP-MT, 1962, p.5).

Tal qual o deus Janus, deus dos começos e fins, que com duas cabeças podia voltar-se para o presente e para o passado, Batatuba parece manifestar a mesma condição. Partindo dela Jan Bata olhou para o oeste paulista - a Vila CIMA e cidades em regiões a serem desbravadas; e olhou para Zlín, trazendo a cidade-Bata para o Brasil.



Fig.44-47. De Zlín a Batayporã - Monumentos a Jan Bata em Zlín (2007), Bataguassu (2009) e Batayporã (2009). Em Batayporã, portal do Centro de Memória Jindrich Trachta, colaborador de Jan Bata na CVSP-MT (2008). Fonte: O autor.

Referências

ABREU, D. S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente.** Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.

BATA, J. **Study of Migration.** Batatuba: [s.n.], 1951.

COMPANHIA DE VIAÇÃO SÃO PAULO – MATO GROSSO. Anteprojeto do Núcleo Presidente Kennedy. Mato Grosso: 1962.

GATTI, A. **BATA, une expérience économique et sociale exceptionnelle.** Revue Internationale des Relations de Travail [Revue internationale sur le travail et la société], Québec, n. 4, v.1, p. 125-137, 2003. Disponível em <www.uqtr.ca/biblio>. Acesso em: abril/ 2009.

GHIRARDELLO, N. **À Beira da Linha. Formações Urbanas na Noroeste Paulista.** São Paulo: USP, 1999.

IVANOV, M. **Saga sobre a vida e morte de Jan Bata e seu irmão Tomás.** Tradução: Edita Batova de Oliveira e Nelson Verlangieri de Oliveira. Presidente Prudente, 2009. 561 p.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: HUCITEC/ POLIS, 1984.

TRIBUNAL NACIONAL CONTRA JAN BATA, 2006, Campo Grande. Resumo. Batayporã, Centro de Memória Jindrich Trachta, 2006.